

DOM WASHINGTON CRUZ
ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOIÂNIA

Creio em
Jesus
Cristo

Meditação sobre o
Filho unigênito do Pai

2018

Série Cartas Pastorais

1. A Igreja em Goiânia
2. Eucaristia, Escola de amor ao próximo
3. Dia do Senhor, a Festa do Rei
4. Ensinai a todos os povos
5. Igreja, Casa e Escola de Comunhão
6. A Evangelização na Arquidiocese de Goiânia
7. Transformar as espadas em arados
8. Sínodo Arquidiocesano: “Muitos membros um só corpo, muitos dons um só Espírito”
9. A Universidade Católica no coração do mundo
10. O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia
11. Ano Vocacional
12. O amor vence tudo
13. Diaconato Permanente
14. Deus te abençoe, Goiânia
15. Creio em Deus Pai

EXPEDIENTE

Creio em Jesus Cristo

Meditação sobre o Filho unigênito do Pai

Carta pastoral do arcebispo dom Washington Cruz

Edição

Divisão de Comunicação Social

da PUC Goiás - Dicom

Projeto gráfico e diagramação

Adriano Abreu - Dicom

Revisão

Dicom

Impressão

Divisão Gráfica e Editorial PUC Goiás

INTRODUÇÃO

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

1. Logo ao amanhecer, com essa invocação à Santíssima Trindade, traçamos sobre nós o sinal da cruz e iniciamos o nosso dia. Esse gesto pessoal, aprendido de nossos pais, e transmitido de geração em geração, expressa o centro de nossa fé cristã: a Santíssima Trindade.
2. A fé trinitária também está no coração da Igreja. Toda oração litúrgica é uma invocação ou louvor à Trindade Santa. Por isso, diz-se “Vós que sois Pai, com o Filho, na unidade do Espírito Santo”.
3. Em nossa Arquidiocese, na cidade de Trindade, há 178 anos é realizada a romaria ao Santuário Basílica dedicado à Santíssima Trindade. Nesse grande, importante e histórico local de acolhida, de encontro, de oração e de evangelização, somos convidados a fazer um encontro com o Senhor e a aprofundar a nossa fé. Por isso, escrevo essa Carta Pastoral, dirigida a todos os romeiros do Divino Pai Eterno.

Por que uma Carta Pastoral?

4. Até um passado recente, era frequente entre nós escrevermos cartas aos nossos familiares e amigos. Nas cartas escrevíamos informações importantes, expressávamos sentimentos, dávamos notícias e, principalmente, mesmo morando ou viajando a um lugar distante, expressávamos a nossa proximidade e o nosso vínculo afetivo ao nosso destinatário.
5. Na tradição pastoral da Igreja, papas e bispos, ao longo dos séculos, escreveram Cartas, com uma intenção pastoral, ou seja, com o desejo de refletir e orientar o povo, como Jesus Bom Pastor conduz o seu rebanho. Seguindo essa tradição da Igreja – família da fé católica –, também lhe escrevo esta Carta, dedicando-lhe não apenas um tempo para redigi-la, mas também fortalecendo a nossa unidade, aproximando os nossos corações ao sagrado coração de Jesus e compartilhando a mesma caminhada de irmãos rumo à Trindade.

A meta que desejo alcançar

6. Na Carta Pastoral que escrevi em 2017, intitulada “Creio em Deus Pai. Meditação sobre o amor paterno de Deus”, busquei compartilhar uma reflexão sobre o Pai Eterno, primeira pessoa da Santíssima Trindade. Agora, nesta Carta Pastoral de 2018, o convido a aprofundarmos a nossa catequese sobre Jesus Cristo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. E, na romaria de 2019, se Deus me permitir, escreverei a você outra Carta, dedicando-a ao Divino Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade.
7. Numa carta, por maior que seja o nosso esforço e nosso amor, nunca se consegue transmitir tudo aquilo que se desejaria, ou que fosse necessário. Então, elege-se para escrever apenas alguns aspectos, aqueles que se percebe mais relevantes ou essenciais para serem comunicados. Ora, numa Carta Pastoral, ainda mais contando sobre Jesus, é impossível conseguir dizer tudo, pois, Ele é a fonte inesgotável da verdade. Nem os evangelistas escreveram tudo sobre Jesus. Escreveram o que lhes foi possível, para que com o testemunho da escrita criamos n’Ele. Esse também é o meu desejo: favorecer e colaborar para o seu encontro com Jesus, que há de ser cada dia mais intenso e profundo.

Encontrar-se com Jesus

8. Jesus não é apenas um personagem do passado, contado pela história. Somos acompanhados pela certeza de sua promessa, de que Ele continua vivo e agindo entre nós: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,20). “A misteriosa presença de Cristo em sua Igreja constitui para ela uma garantia de sucesso no cumprimento da tarefa que lhe foi confiada. Ao mesmo tempo, tal presença possibilita nosso encontro com ele, como Filho enviado pelo Pai, como Senhor da Vida que nos comunica seu Espírito”.¹
9. Jesus Cristo não é uma ideia abstrata. Encontrar-se com Jesus não é o mesmo que encontrar-se com uma teoria sobre ele, ou saber informações sobre a sua vida. A nossa plena comunhão com o Senhor ressuscitado supõe uma experiência espiritual, um caminho de romaria, de conversão e de solidariedade, que constrói as condições para o encontro com Jesus Cristo vivo. Para viver com mais intensidade o nosso encontro com Jesus, vale a pena recordar e

¹ João Paulo II. Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*. n. 7.

refletir sobre alguns dos encontros históricos de Jesus, narrados no Novo Testamento.

Lugares de encontro com Jesus

10. “Os Evangelhos mencionam numerosos encontros de Jesus com homens e mulheres de sua época. Uma característica comum a todas as narrativas é a força transformadora que os encontros com Jesus encerram e manifestam, visto que desencadeiam um autêntico processo de conversão, comunhão e solidariedade. Um dos encontros mais significativos é o da samaritana (Jo 4, 5-42). Jesus a chama para saciar sua sede, que não era só material. Na verdade, ‘Aquele que lhe pedia de beber tinha sede da fé da própria mulher’”.²
11. Assim como o encontro com a samaritana, temos a narrativa do encontro de Jesus com Zaqueu, o publicano, (Lc 19, 1-10) que o leva a mudar de vida e a praticar a justiça; o encontro de Jesus com Maria Madalena (Jo 20, 11-18), que a leva a superar o desânimo e a tristeza e a transforma em anunciadora do ressuscitado; o encontro de Jesus com os discípulos de Emaús, que os leva a compreender as Escrituras e a reconhecê-lo ao partir o pão (Lc 24, 13-35); o encontro de Jesus com os Apóstolos (Mc 3, 13-19), transformando-os em colunas da Igreja e anunciadores da Boa Nova; o encontro de Jesus ressuscitado com Paulo, a caminho de Damasco (At 9, 3-30), o convertendo-o de perseguidor dos cristãos em missionário enviado até os confins da terra.³
12. Além desses encontros pessoais e comunitários, Jesus também constituiu a Igreja para que nela o encontremos. “A Igreja constitui o lugar onde os homens, encontrando a Jesus, podem descobrir o amor do Pai: com efeito, quem viu a Jesus, viu o Pai (Jo 14, 9). Jesus, no tempo após sua ascensão ao céu, atua por meio da poderosa intervenção do Espírito Paráclito (Jo 16, 7), que transforma os fiéis, dando-lhes a vida nova”.⁴
13. A Bíblia e a Eucaristia também são, na Igreja, lugares de encontro com Cristo. Além disso, encontramos Jesus nos sacramentos, na oração pessoal e comunitária, na comunidade que vive a fé e o amor fraterno,

² EAm, 8.

³ EAm, 8-9.

⁴ EAm, 10.

nos pobres, aflitos e enfermos (Mt 25, 37-40), na piedade popular.⁵ A devoção autêntica à Mãe de Jesus também é um caminho seguro que nos leva a Jesus. Os magos do Oriente, em Belém, “acharam o menino [Jesus] com Maria, a sua mãe (Mt 2, 11)”. Onde Jesus estiver, Maria está junto. E estando junto, ela sempre nos remete a Jesus: “Fazei tudo o que ele [Jesus] vos disser (Jo 2,5)”⁶

Seguir Jesus como discípulo missionário

14. Encontros profundos nos marcam por toda a vida. Gravam-se em nossa memória e, mesmo depois de muitas décadas, sabemos dizer até o dia, a hora e o local dos encontros que nos marcaram. De um primeiro encontro autêntico e amoroso sucedem-se muitos outros encontros, cada vez mais profundos e marcantes. Firma-se, enfim, o desejo definitivo de estar juntos, de conviver, de seguir e acompanhar o outro por onde quer que ele esteja.
15. De nosso encontro com Jesus – eu, você e toda Igreja –, nos tornamos seguidores de Jesus, seus discípulos missionários. Foi essa a grande reflexão que os bispos da América Latina e do Caribe realizaram, numa grande conferência continental.⁷
16. O Pai Eterno nos chama a participar de sua vida e de sua família. Ao povo de Israel, Ele se revelou que é o “Deus vivo” (Dt 5, 26), que o liberta dos opressores (Ex 3, 7-10), que perdoa incansavelmente (Eclo 2,11) e que restitui a salvação quando o povo suplicante a Ele se dirige (Is 38, 16). O Pai também nos tem falado por meio de Jesus, seu Filho, (Hb 1, 1ss) e por meio de Jesus nos chama a sermos santos (Ef 1, 4-5).
17. Jesus nos chama a ter um vínculo com Ele, assim como o galho está unido à árvore (Jo 15, 1-8), numa relação não de subserviência, mas de amizade (Jo 8, 33-36). “A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão a toda a sua pessoa ao saber que Cristo o chama pelo nome (Jo 10, 3). É um ‘sim’ que compromete radicalmente a liberdade do discípulo a se entregar a Jesus, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14, 6)”⁸

⁵ Documento de Aparecida, 246-265.

⁶ EAm, 11-12.

⁷ Cf. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 13 a 31 de maio de 2007.

⁸ DA, 136.

A missão nasce do encontro com Jesus

18. Quando Jesus chama, sempre é para uma missão. O encontro com Jesus, por isso, sempre é vocacional: nos propicia uma relação com ele, nos fortalece na convivência e nos envia para convidar outros a fazer essa mesma experiência de amor. “Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (At 1,8).”⁹
19. A romaria de Trindade é também um grande e importante caminho de formação para o discipulado missionário. Ela nos possibilita uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo. “Uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor. A experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com o outro. A experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na Trindade”.¹⁰ Do autêntico encontro trinitário com Jesus, portanto, todo romeiro se converte em discípulo missionário. Ele nunca retorna de mãos vazias para casa; leva consigo um encontro a ser partilhado, para transformar a sua família, comunidade e mundo, assim como o fermento que é capaz de fazer crescer toda a massa.

“Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6).

20. “Há muitos homens que não creem em Cristo, mas são poucos os que não o amam.”¹¹ Também para os não crentes, Jesus é uma das figuras mais fascinantes da história. O grande pianista Arthur Rubinstein disse: “Para mim Jesus Cristo sempre foi e sempre será o ser mais sublime, supremo e ideal que a humanidade tenha produzido. O fato que fosse hebreu constitui o único orgulho que eu experimento por pertencer à sua raça. A sua existência, as suas palavras, o seu sacrifício e a sua fé deram ao mundo o mais nobre presente que ele tenha recebido: o dom do amor, o amor ao próximo, o amor ao pobre,

⁹ DA, 145.

¹⁰ DA, 240.

¹¹ Danielou. *Cristo e noi. Alba*, 1961, p. 37.

a piedade, a humildade e, enfim, os sentimentos que nobilitam o ser humano”.¹² O romancista Hélio Vittorini escreveu: “Creio que o maior homem de todos os tempos até agora existido sobre a terra seja ele, Jesus, e nada que os homens disseram de mais novo e concreto e também mais útil, depois dele tenham dito em contraste com ele”. E Franz Kafka, abismado, afirmou: “Cristo? Um abismo de luz, diante do qual precisa fechar os olhos para não vos precipitar”.¹³

21. Karl Jaspers coloca Jesus equiparado a Sócrates, Confúcio e Buda, e os considera personalidades decisivas e normativas da humanidade. E Shalom Bem-Chorin atesta que no judaísmo começa a descobrir Cristo como “irmão”, como pertencente ao próprio povo hebraico.
22. “O crescente interesse por Jesus de Nazaré [constatava o Cardeal Martini], nos últimos decênios e nos últimos anos, é surpreendente. Ampla quantidade de populações, não somente cristã, foram atraídas por Jesus. A questão de Jesus permanece ainda atual. Objetivamente considerado, ele é de perene atualidade”. Enquanto o vento da contestação investe sobre todas as instituições e não poupa nenhum dos valores fundamentais da tradição cristã, a figura de Jesus continua ainda a ter um altíssimo índice de aceitação. “Há na vida de Cristo palavras e eventos decisivos e significativos que nenhuma crítica, porquanto corrosiva possa ser, consegue eliminar, que nenhuma das comunidades primitivas consegue explicar”.¹⁴ São “a força transbordante das parábolas, o paradoxo das bem-aventuranças, os contrastes de Jesus com as instituições do seu tempo, a sua atenção aos últimos, a sua coragem diante da morte, a certeza dos seus de tê-lo encontrado vivo após a deposição no sepulcro. Até encontrar-se diante de uma figura singular e inédita que resiste a qualquer fácil tentativa de homologação”.¹⁵
23. Cristo não pode ser ignorado, nem tratado com leviandade, nem mesmo por aqueles que não professam a fé cristã. Na história da humanidade, Jesus, de fato, “é o único que ligou o destino eterno dos homens à sua pessoa, assim quem crê nele e na sua palavra e o aceita como salvador é salvo para sempre, ao passo que quem não crê nele e o rejeita perde-se para sempre”.¹⁶ A interrogação “quem é Jesus?” não deixa ninguém indiferente. Não se trata de uma pergunta

12 Sartori. *Creio em Jesus Cristo*. 1997.

13 Loc. cit.

14 Cardeal Martini. *Jornal Avvenire*, 23/01/1997. Ver, também, com esse enfoque, a obra de Juan Luis SEGUNDO. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. 1985.

15 Idem.

16 J. de Bona. *Jesus de Nazaré*. Roma/Turim, 1996, p. 12.

cultural, filosófica ou histórica. Trata-se de um problema vital, do único problema que decide a vida e a vida eterna de cada homem e de cada mulher.

24. Jesus há vinte séculos é sinal de contradição para toda a humanidade e assim permanecerá até o fim dos tempos. Entretanto, não basta considerar que Jesus é um grande homem, uma proposta de valores para se viver ou um personagem fascinante para admirar. A fé cristã requer que creiamos nele como o “Senhor”, o Filho de Deus, o único salvador. Só a luz que emana da pessoa de Cristo vivo pode indicar um percurso seguro no tempo e pode chegar ao porto seguro cheio de felicidade, na vida eterna.

Jesus é o filho único do Pai

25. Um dia, o Senhor chega a Cesareia de Felipe, na cidade construída por Felipe, o filho de Herodes, junto às margens do Jordão. E aí interroga os seus discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”. Disseram-lhe: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou algum dos profetas”. Então lhes perguntou: “E vós quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe; “Bem-aventurado és tu, Simão, Filho de Jonas, porque não foram carne nem sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus”. “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela” (Mt 16,13-18). Jesus lhe conferirá, em seguida, o nome de Pedro prometendo-lhe fundar a sua Igreja sobre ele e dá-lhe as chaves do reino dos céus e o poder para que aquilo que Pedro ligar na terra será ligado no céu e o que Pedro desligar na terra será desligado no céu.
26. O próprio Deus testemunhou que Cristo era seu Filho, no momento em que Jesus recebeu o batismo de João Batista (Lc 3,21) e, depois, quando se transfigurou diante de três dos seus discípulos: Pedro, Tiago e João (Mc 9,2-7). Em ambas as ocasiões, Deus fez ouvir a sua voz e disse de Cristo: “Este é meu Filho predileto, escutai-o” (Mc 9, 2-10). Da mesma forma, São Paulo, que não tinha conhecimento de Cristo, quando Jesus ressuscitado e glorioso lhe apareceu no caminho de Damasco, afirmou a Paulo que Ele era o Filho de Deus.¹⁷

¹⁷ Cf. Christian DUQUOC. *Cristologia (ensaio dogmático). O Homem Jesus. 1977, especialmente o capítulo 5, “O Cristo, Filho de Deus”.*

27. Na Carta aos Gálatas e nos Atos dos Apóstolos Jesus diz, com efeito, que Ele era “o Filho de Deus”.¹⁸ Jesus também declara mais de uma vez ser o Filho e que Deus era seu Pai. A primeira vez foi durante a infância, quando os seus Maria e José o perderam e depois o encontraram no templo. Tinha então doze anos e sua mãe o repreendeu pelo seu desaparecimento. Ele respondeu: “Não sabeis que devo estar na casa de meu Pai” (Lc 2,49). Com estas palavras entendia dizer que Deus era o seu Pai celeste; que esta paternidade era natural e não figurada; e que também a qualidade de Filho era natural – diferente de nós, já que nós somos filhos adotivos – que era da mesma natureza do Pai ainda que o Pai e ele fossem duas pessoas distintas.
28. Jesus assegurou também que o Pai e ele eram um. Na noite do adeus, quando quis reforçar a fé vacilante dos seus discípulos diz: “Não se perturbe o vosso coração. Tende fé em Deus e tende fé também em mim, e prometeu-lhes voltar para buscá-los para que estivessem com ele lá onde ele estivesse, ou seja, junto do Pai celeste, por toda a eternidade. Duvidando, como sempre, Tomé, cuja fé enfim se tornaria forte, lhe diz: “Senhor, não sabemos para onde vais, como poderemos conhecer o caminho? Jesus lhe responde então com a célebre frase: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim. Se me conhecêsseis, conheceríeis também o Pai; desde agora o conheceis e o tendes visto”. Ficaram consternados com essas palavras que nunca tinham entendido, prova é a pergunta que lhe dirigiu Filipe: “Mostra-nos o Pai e isto nos basta”. Jesus lhe respondeu: “Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim?” E Jesus que tinha atestado a sua divindade com obras extraordinárias, acrescentou: “Crede-o, ao menos, por causa das minhas obras” (Jo 14,1-11).
29. Na última noite de sua vida, proclamou de novo a mesma verdade. Foi quando compareceu ao Sinédrio e os seus acusadores lhe perguntaram se Ele era o Filho de Deus. Respondeu: “Vós mesmos dizeis: eu o sou (Lc 22,70)”. Declarou-se, portanto, Filho do Pai e nisto se distinguiu dos profetas enviados por Deus ao seu povo e se pôs acima dos anjos. Após a ressurreição e antes de sua ascensão, declarou a Maria Madalena: “Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo ao meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus (Jo 20,17).” Não disse o nosso pai comum, para sublinhar que a sua filiação não era como a deles; era uma filiação única.
30. Em Jesus apareceu, em toda a sua profundidade, o incrível e

¹⁸ Cf. Gl 1, 15-16 e At 9,15.

surpreendente amor de Deus para conosco, para com o ser humano, para cada um dos seres humanos. Nele se cumpre “o reino de Deus”, isto é, o próprio Deus que entra na história, se faz homem como nós, vindo a “habitar” em meio a nós, participe até o fim das alegrias e sofrimentos, das esperanças e do drama da vida humana. A fé consiste em acolher este evento, confiar nele. Modelar toda a própria vida sobre a sua, isto significa converter-se e crer no Evangelho (cf. Mc 1,15), isto é, acolher a boa notícia que em Jesus Deus nos revelou o seu rosto de Pai e nos ofereceu a possibilidade de tornarmo-nos seus filhos, partícipes da sua própria vida. A nossa fé, portanto, “não é um conceito, uma doutrina, um programa à livre elaboração, mas antes de tudo uma pessoa que tem o rosto e o nome de Jesus de Nazaré, imagem do Deus invisível”.¹⁹

As fontes históricas da fé cristã

31. A fé, como bem sabemos, é um dom gratuito de Deus, mas é também uma escolha motivada, racional, fruto de um severo caminho de busca. Pois bem, perguntemo-nos: quais são as fontes de que dispomos para conhecer a pessoa, a vida, a mensagem de Cristo?
32. A nossa fé se apoia sobre o testemunho dos apóstolos, que nos foi transmitido nos Evangelhos, nos Atos dos Apóstolos e nos demais escritos do Novo Testamento. Ainda há outras fontes provenientes do mundo hebraico e romano (José Flávio, Tácito, Suetônio, Plínio o Jovem),²⁰ embora pouco escreveram sobre Jesus, tais autores não cristãos invalidam a suposição de alguns (raríssimos) estudiosos, segundo os quais Jesus jamais existiu e que teria sido uma invenção dos cristãos. Também os evangelhos apócrifos são uma referência sobre Jesus, embora nos dizem bem pouco sobre a autenticidade histórica de sua existência porque são fruto de lendas totalmente inventadas para a edificação ou como sustento de doutrinas heréticas.
33. São, sobretudo, os quatro evangelhos canônicos que nos apresentam

¹⁹ João Paulo II, RM, n. 18.

²⁰ Flávio Josefo foi escritor judeu que no fim do século I escreveu em Roma as “Antiguidades Judaicas”, onde conta sobre João Batista (18, 109-119) e de Jesus (18, 63-64); Tácito foi escritor romano que nos “Annales”, escrito entre 115-120, fala sobre a perseguição de Nero aos cristãos após o incêndio de Roma, no ano 64; Suetônio também é escritor romano, da mesma época de Tácito, que escreveu “Vida de Cláudio”, onde faz alusão a um Cresto que poderia ser Jesus Cristo; Plínio o Jovem, em seu epistolário contém uma carta dele escrita ao imperador Trajano, e a resposta deste, onde foi tratado sobre a perseguição aos cristãos de Bitúnia, hoje noroeste da Turquia. Essas duas cartas foram escritas entre os anos 111-113. Cf. Henrique Cristiano José MATOS. Introdução à História da Igreja, 1987, p. 16.

a vida de Jesus, a sua mensagem, o seu rosto, como foi conhecido pela experiência direta, pessoal, prolongada dos apóstolos e pelo círculo dos primeiros discípulos. Não possuímos a primeira redação dos Evangelhos, mas somente cópias que, porém, são antiquíssimas, algumas fragmentárias, outras completas, como os venerandos códigos em pergaminho. Dos estudos realizados por pesquisadores e estudiosos, por mais de um século, conclui-se que “o texto dos Evangelhos [que hoje temos acesso] é criticamente seguro e corresponde substancialmente ao texto original. Estamos, portanto, seguros de possuir os evangelhos como foram redigidos por seus autores”.²¹

34. Dentre as fontes cristãs que narram sobre a existência, os feitos e as palavras de Jesus, além dos Evangelhos e de todo o Novo Testamento, também há alguns escritos cristãos muito antigos. Dentre estes, destacamos: (1) a Didaqué, ou Doutrina dos Doze Apóstolos, que é um pequeno livro contendo o catecismo do “caminho reto” (capítulos 1-6) e um manual de liturgia (capítulos 7-15), escrito no início do século II, mas com memórias mais antigas que essa data; (2) a Carta de Clemente Romano aos Coríntios, escrita no ano 95 do primeiro século cristão; (3) as sete Cartas de Inácio, bispo de Antioquia, escritas aproximadamente no ano 110, que tratam sobre a organização dos ministérios na Igreja. Ainda há outros escritos do século II da Era Cristã (com material e memória proveniente do século I), como a Carta de Policarpo, a epístola de Barnabé, a segunda epístola de Clemente, o Pastor de Hermas.²²

As descobertas arqueológicas

35. Nos últimos 150 anos ocorreram muitas pesquisas e descobertas arqueológicas²³ sobre o ambiente e o contexto onde o cristianismo se desenvolveu, principalmente na Palestina e em Roma. Vejamos algumas dessas descobertas arqueológicas: “as escavações [arqueológicas] em Jerusalém, que revelaram detalhes da cidade no século I, inclusive, pela primeira vez, os ossos dos pés de um crucificado desta época; a inscrição de Cesareia com o nome do ‘prefeito’ Pôncio Pilatos; os santuários cristãos de Nazaré e

21 G.de ROSA. *Gesú de Nazaret, Roma-Torino*, p. 23.

22 Henrique Cristiano José de MATOS. *Obra citada*, p. 16.

23 Veja, por exemplo, sobre as descobertas, em 1946-1947, acerca dos manuscritos da comunidade de Qumram, nas grutas à margem do Mar Morto. Pedro VASCONCELOS; Valmor DA SILVA. *Caminhos da Bíblia*. 2003, p. 212-221.

Cafarnaum, com a chamada ‘casa de Pedro’; as escavações debaixo da Basílica de S. Pedro no Vaticano (Roma), confirmando a antiguidade da sepultura”.²⁴

A autenticidade dos Evangelhos no testemunho de Jesus

36. Mas, perguntemo-nos: podemos acreditar nos evangelhos? São historicamente aceitáveis ou são, talvez, um conjunto de mitos e lendas inventadas pelos primeiros cristãos?
37. A ciência histórico-bíblica, após dois séculos de pesquisas apaixonadas e cuidadosíssimas, chegou afinal a uma conclusão aceita pela grande maioria dos estudiosos: não é mais permitido o ceticismo histórico em relação aos evangelhos e aos outros escritos neo-testamentários. Os evangelhos, sem dúvida, transmitem um material amplamente utilizado na catequese e na pregação dos apóstolos e dos primeiros discípulos de Cristo. São testemunhos e documentos escritos à luz da ressurreição de Jesus. Mas eles, tal como afirma o Concílio Vaticano II, referem sobre Jesus sempre “coisas verdadeiras e sinceras”.²⁵
38. Os quatro evangelhos tem valor histórico enquanto referem fielmente as obras e as palavras de Jesus, repensadas à luz dos eventos pascais de Jesus sob o influxo do Espírito Santo. Eles são a expressão da fé dos evangelistas e da primeira comunidade cristã, mas isso não impede de considerá-los fonte segura de informação, porque a fé cristã se caracteriza pelo seu enraizar-se na história. Os Evangelhos, ainda que não tenham como finalidade oferecer uma biografia completa sobre Jesus, reúnem uma seleção de fatos e de ditos d’Ele, considerados importantes pelo seu significado salvífico e suficientes para assegurar uma base à fé no Filho de Deus e à compreensão global do desígnio divino.
39. Os evangelhos, portanto, não devem ser lidos e interpretados como um livro moderno de história, porque outros foram os métodos e os critérios de compilação dos evangelistas. Mas eles nos oferecem dados seguros sobre Jesus, nos oferecem quanto basta para garantir a racionalidade da fé. Tomemos em mãos, pois, com confiança os quatro evangelhos com a certeza que nos consentem alcançar as linhas principais da vida e do ensinamento de Jesus.

²⁴ Henrique Cristiano José de MATOS. *Obra citada*, p. 16.

²⁵ DV, n. 19.

40. Ensina-nos o Concílio Vaticano II: “A santa mãe Igreja defendeu e defende firme e constantemente que estes quatro Evangelhos, cuja historicidade afirma sem hesitação, transmitem fielmente as coisas que Jesus, Filho de Deus, durante a sua vida terrena, realmente operou e ensinou para salvação eterna dos homens, até ao dia em que subiu ao céu (cfr. At. 1. 1-2). Na verdade, após a ascensão do Senhor, os Apóstolos transmitiram aos seus ouvintes, com aquela compreensão mais plena de que eles, instruídos pelos acontecimentos gloriosos de Cristo e iluminados pelo Espírito de verdade, usufruíam as coisas que Ele tinha dito e feito. Os autores sagrados, porém, escreveram os quatro Evangelhos, escolhendo algumas coisas entre as muitas transmitidas por palavra ou por escrito, sintetizando umas, desenvolvendo outras, segundo o estado das igrejas, conservando, finalmente, o caráter de pregação, mas sempre de maneira a comunicar-nos coisas autênticas e verdadeiras acerca de Jesus. Com efeito, quer relatassem aquilo de que se lembravam e recordavam, quer se baseassem no testemunho daqueles ‘que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra’, fizeram-no sempre com intenção de que conheçamos a ‘verdade’ das coisas a respeito das quais fomos instruídos (cf. Lc. 1, 2-4)”²⁶

O contexto onde Jesus viveu

41. Nossa identidade sempre traz consigo as próprias origens e as relações que estabelecemos na vida. Em meu rosto tenho os traços da fisionomia e da genética de minha família. Também meu jeito pessoal expressa as minhas origens e o meu povo: o idioma, o modo de vestir, a cor de minha pele, o gosto pelo tempero dos alimentos, a condição social, a tradição da fé e a cultura. Quando vou a outros lugares, logo me identificam com origens da Bahia e do Brasil. Meu país e meu povo são a base para os outros me conhecerem melhor. Foi isso que concluíram os estudiosos, quando quiseram saber mais sobre Jesus. Para compreendê-lo melhor, buscaram conhecer o seu povo, as suas origens e a organização da sociedade onde ele viveu.²⁷
42. No tempo de Jesus, a Palestina era um país predominantemente agrícola. Na Palestina o destaque era a agricultura, que produzia trigo,

²⁶ Loc. cit.

²⁷ Antropólogos, arqueólogos, historiadores e linguistas contribuíram com importantes descobertas e informações acerca da Palestina no tempo de Jesus. No campo dos estudos teológicos, sobretudo a exegese bíblica e a cristologia são as áreas de conhecimento que aprofundam sobre o “tema” de Jesus.

cevada, oliveiras, legumes, frutas e vinho.²⁸ Na Judeia, onde as terras eram menos férteis, predominava a pecuária - com bois, camelos, ovelhas e cabras -,²⁹ a pesca, principalmente no lago de Tiberíades (mar da Galileia)³⁰ e o artesanato, onde se confeccionavam jarros, pratos, tecidos, roupas, couro, perfumes etc.³¹ Mesmo com regiões montanhosas e estradas precárias, o comércio era intenso. A moeda usada na época era o denário romano para pagar os impostos, o siclo judeu para pagar o dízimo, a dracma grega e a mina fenícia para a comercialização com os estrangeiros, e nas pequenas aldeias havia a permuta de produtos.³² Os dois locais com atividade comercial mais intensa eram Tiberíades e Jerusalém. O transporte usado pelo mar eram os barcos, pelo deserto os camelos e pela serra os burrinhos.³³

43. No tempo de Jesus, o templo era também o centro da economia. Todos os impostos eram centralizados nele. Sacerdotes, funcionários, cambistas, vendedores e operários tinham no templo a sua fonte de sustento. O tesouro do templo era o mesmo que o tesouro do Estado. Sua administração se fazia por três grandes sacerdotes, que eram os chefes das finanças. Por isso, quando Jesus falava na destruição do templo, que foi um dos motivos de sua condenação, ameaçava indiretamente também a estrutura econômica da Palestina, que tinha no templo a sua base.³⁴

44. Jesus morava no interior, numa pequena cidade chamada Nazaré da Galileia. Ele era carpinteiro, profissão ensinada por José. Nasceu numa família pobre, descendente de Davi. Foi na escola da Sinagoga, onde aprendeu a ler e a escrever; ali também aprendeu sobre a religião judaica e sobre a Escritura. Frequentava a Sinagoga aos sábados, onde rezava com os seus pais e com a comunidade. Além de seus pais, sua família envolvia avós, tios, primos e demais parentes. Subsistia de seu trabalho diário e junto da família também precisava pagar os impostos aos sacerdotes e aos romanos.³⁵ Jesus conhecia bem a situação econômica do povo da Galileia. Sabia sobre o trabalho dos agricultores, dos pescadores e das donas de casa. Mostrava as

28 Mc 2, 23; 4, 1-19; 4, 30-32.

29 Mt 9, 35-38; 25, 31-32.

30 Jo 2, 20

31 Jo 12, 3

32 Lc 15, 8; 19, 13; 20, 24.

33 Mc 1, 6.

34 Mt 21, 12-17; Mc 14, 58.

35 Mt 17, 27; Mc 12, 13-17.

situações de desemprego³⁶ e como era a relação entre proprietários e trabalhadores ao seu serviço.³⁷

45. A Palestina do tempo de Jesus estava politicamente sob o domínio do Império Romano. Era dividida em dois territórios: um era formado pela Judeia e a Samaria, onde havia um Procurador Romano que morava em Cesareia e que deixava o Sinédrio (governo judaico) para exercer o poder. Nomeava o Grande Sacerdote e só intervinha quando havia impasses políticos; outro era a Galileia, onde havia um rei que, na época de Jesus, era Herodes, que morava em Tiberíades e era amigo de César.
46. O Sinédrio era composto pelos sacerdotes, pelos anciãos (chefes de grandes famílias, importantes comerciantes ou grandes proprietários de terra) e pelos escribas (intelectuais ou estudiosos que sabiam ler e escrever muito bem). O Sinédrio formado por judeus, mas dependia dos romanos e funcionava no templo, como tribunal criminal, político e religioso. Tinha poder sobre a Judeia, mas a sua autoridade se estendia sobre toda a Palestina.
47. No tempo de Jesus, havia na Palestina dois grandes movimentos ou partidos políticos: um era o movimento daqueles que defendiam o domínio dos romanos e era formado pelos Saduceus (principalmente na Judeia) e pelos Herodianos (na Galileia); outro era o movimento daqueles que faziam oposição à dominação romana, formado pelos fariseus, pelos zelotes e pelos essênios.
48. Jesus não participou nem se integrou a nenhuma dessas posições políticas. Alguns dos que o seguiam pensavam que Jesus era o ungido para ser o rei justo, que haveria de construir um novo reino, livre da dominação romana. Entretanto, a proposta de Jesus era o Reino de Deus, que já vai se construindo no dia a dia pela prática do amor e da justiça. Propõe um poder não para dominar, mas para servir e para “lavar os pés dos outros”.³⁸ Jesus encontra seu lugar não entre movimentos e partidos, mas no meio do povo.³⁹
49. O julgamento de Jesus foi realizado pela estrutura de poder e pela organização social de sua época. Foi acusado por se declarar Filho de Deus e isso ameaçava a autoridade dos sacerdotes e afrontava a doutrina religiosa; e também por anunciar a destruição do templo de

36 Mt 20, 1-16.

37 Mt 13, 54-55; 18, 23-34.

38 Mt 21, 23.

39 Lc 20, 19; Jo 5, 36.

Jerusalém, sede do poder. Por isso, foi condenado à pena máxima, à morte de cruz.⁴⁰

A humanidade fascinante de Jesus

50. Sem dúvida alguma Jesus era um homem fascinante: demonstra-o, por exemplo, o fato de que uma grande multidão, composta de cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças, o seguia, em uma região deserta ao longo das margens do lago de Tiberíades, descuidando até da alimentação, contanto que o pudesse escutar (Cf. Mt 14, 13-21; Mc 6, 30-44; Lc 9, 10-17; Jo 6, 1-13).
51. Mesmo do ponto de vista físico, talvez, Jesus devia ser um homem belo, atraente. Demonstra-o, por nossa inferência, a expressão de entusiasmo de uma mulher, referida pelo evangelista Lucas, que um dia de improviso, interpretando o entusiasmo da multidão, disse: “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram” (Lc 11, 27).
52. Deviam ser esplêndidos, principalmente, os olhos de Jesus, porque com frequência os evangelistas, em particular Marcos, sublinham a profundidade do seu olhar. Assim Jesus, quando encontrou Simão pela primeira vez, o fixou com olhar penetrante e lhe pôs o nome de “pedra”, escolhendo-o desde aquele momento como fundamento da sua Igreja (cf Jo 1,40-42-). Da mesma forma fixou o seu olhar afetuosamente sobre o jovem rico, manifestando para com ele um profundo sentimento de amor que, no entanto, ficou sem resposta, devido ao jovem ser muito apegado aos próprios bens (Cf Mt 19, 16-22). Com o olhar de especial simpatia conquistou e transformou o coração de Zaqueu (cf. Lc,19,5). Foi suficiente um olhar de Jesus, enquanto se encontrava na casa do sumo sacerdote na espera do processo, para que Pedro compreendesse a enormidade da sua traição e chorasse amargamente (Lc 22, 61).

40 Sobre essa abordagem econômica e social da Palestina no tempo de Jesus, há abundante bibliografia e muito estudo sobre o assunto. Dentre outros, destacamos: Joaquim JEREMIAS. *Jerusalém no tempo de Jesus. Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*, 1983; Émile MORIN. *Jesus e as estruturas de seu tempo*, 1982; Bruno FORTE. *Jesus de Nazaré. História de Deus, Deus da História. Ensaio de uma cristologia como história*.1985; Émile MORIN. *Jesus e as estruturas de seu tempo*, 1982. Também alguns subsídios populares, como a *Coleção de Cadernos Bíblicos*, aqui principalmente o volume de Christiane SAULNIER e Bernard ROLLAND. *A Palestina no tempo de Jesus*, 1983; ou os *Cadernos da Ação Católica Operária*, principalmente o n. 4, *Jesus. Sua terra, seu povo, sua proposta. s.d.*; E ainda belos romances, com base exegética, como o de Gerdt THEISSEN. *A sombra do galileu*. 1989; Luís Carlos Susin. *Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria. Ensaio de Cristologia Narrativa*.

53. Jesus tinha olhos que falavam: de desdenho aos vendedores do templo, de tristeza diante da hipocrisia dos ricos e dos fariseus, de admiração diante da generosidade da viúva, de ternura para com as crianças, de solidariedade para com os sofrimentos dos amigos de Lázaro, de simpatia para com os pobres, os cegos, os pecadores, os leprosos, os doentes.

A liberdade interior de Jesus

54. Jesus impressionava profundamente porque foi um homem verdadeiramente livre e como tal apareceu aos seus contemporâneos. Um homem que não pertenceu a ninguém, mesmo estando sempre a serviço de todos.
55. Livre diante das expectativas do povo que esperava um Messias, libertador da servidão dos romanos. Livre em relação aos próprios familiares, que se preocupavam com a sua saúde e esperavam talvez alguma vantagem temporal pelos seus sucessos. Livre diante dos amigos, como Pedro, que tentou dissuadi-lo de percorrer o caminho da cruz e foi rejeitado com veemência como diabólico e tentador (Cf. Mt 16, 21-23).
56. Livre diante das autoridades e das instituições romanas e judaicas, da cultura social, política e religiosa do seu tempo, da mentalidade dominante da sua gente. Não se dobrou diante de nenhuma ameaça, não foi capturado por nenhuma partido, não sucumbiu diante de nenhuma idolatria ou tradição.

A sensibilidade de Jesus

57. Jesus aparece profundamente inserido na sociedade e na cultura do seu tempo. Fala a linguagem simples e vivaz dos seus conterrâneos, demonstra uma aguda sensibilidade diante das realidades mais humildes da vida cotidiana: observa as crianças que jogam barulhentas, na estrada (cf. (Mt 25, 1-13), o convívio de núpcias na noite escura (Mt 11, 16-17), o pobre mendigo esquecido à porta da sala do banquete (Lc 16,19-20), os desocupados inoperantes nas encruzilhadas das estradas ou ao longo das trilhas porque ninguém os engaja para o trabalho (Lc 14, 23), os pássaros do céu que não semeiam nem colhem, os lírios do campo revestidos pelo Pai com vestes mais esplendorosas que as de Salomão (Lc 12, 24-29), a galinha

choca que esconde e protege os pintinhos debaixo de suas asas, (Mt 23, 37).

58. Jesus é atento às pessoas e às situações da vida cotidiana de seu tempo: os agricultores que semeiam os campos e cultivam as vinhas, os pescadores que lançam as redes, os mercadores, os pastores, as mulheres que preparam o alimento e cuidam da casa, os servos, os administradores etc.

Os sentimentos de Jesus

59. A esta sensibilidade refinada, Jesus unia os sentimentos mais delicados do coração. Impressiona a força e a universalidade do seu amor. Amava a natureza e se retirava em solidão para rezar no deserto e nos montes (Mt 4,14-36), amava com predileção as crianças (Mt 10,13-16), amava profundamente os amigos até ao ponto de chorar pela morte de Lázaro (Jo 11,35), amava muito a sua pátria e a cidade de Jerusalém (cf. Lc. 9,41), amava a sua família à qual provê com o trabalho de suas mãos por trinta anos, amava ternamente sua mãe que quis junto de si ao seu lado no Calvário e confiou ao seu mais caro amigo, o discípulo predileto João (Jo 19,27). A sua vida efetiva e a sua sensibilidade envolviam todas as fibras do seu ser; no jardim das Oliveiras suou sangue ao pensar na traição dos discípulos, nas torturas que o aguardavam, no desprezo dos seus inimigos, no cúmulo imenso das culpas que ele era chamado a expiar com o dom supremo da sua vida (cf. Lc 22, 39-46).

A inteligência de Jesus

60. A inteligência de Jesus era nitidamente superior. Desconcertava respondendo às perguntas mais insidiosas - como aquela sobre o tributo a Cesar (cf. Mt 22,21) -, com declarações improvisadas de uma sabedoria e de uma profundidade que deixavam sem palavras os seus inimigos. Por mais que os seus adversários se esforçassem, sobretudo os fariseus, não conseguiram jamais pegá-lo em erro.
61. Quem escutava Jesus ficava admirado com o seu estilo, bem diferente dos profetas e dos mestres do seu tempo. Ficava interessado pela autoridade e pela profundidade do seu ensinamento, como aquele das parábolas. Ninguém havia jamais falado como ele (cf. Jo 7,46). A sua palavra era viva, aguda, penetrante, carregada de esperança; e,

contudo, exigente, ainda que na doçura, na suavidade e na persuasão das suas argumentações.

A intensa atividade de Jesus

62. A estes dons de inteligência e de coração generoso, se unia ao caráter de Jesus uma incansável atividade que o conduziu a percorrer a pé, por centenas de quilômetros, toda a Palestina. Depois de jornadas muito fadigas, passadas pregando às multidões e a curar os enfermos, fazia um breve repouso estendendo-se sobre a terra nua ou sobre duras tábuas da barca de Pedro.
63. O que maravilha na humanidade de Jesus é o perfeito equilíbrio de todos os seus dons e qualidades pessoais: a firmeza e a misericórdia, o realismo e os ideais expressos especialmente no discurso programático das bem-aventuranças (cf. Mt 5, 1-12). E nas parábolas, a coragem e a mansidão, a liberdade diante dos homens e a obediência total ao Pai, o amor aos pecadores e ao mesmo tempo a rejeição ao pecado, a alegria messiânica e juntamente a tristeza pela maldade humana. Jesus compartilhou em tudo a nossa condição de homens: as alegrias, as tentações, as fadigas, os sofrimentos, o trauma de sentir-se abandonado pelo Pai e junto o abandono pleno em suas mãos. Tudo aquilo que é humano foi por ele assumido, exceto o pecado, que é a ausência de amor, morte da alma, recusa de Deus, empobrecimento e dessacralização do homem.

A doação de Jesus

64. A qualidade mais marcante e profunda de Jesus foi a sua dedicação total ao Pai e à humanidade. A cruz resume a dimensão ao mesmo tempo vertical e horizontal do seu amor: no Calvário resplandece de luz vertiginosa o amor infinito do Pai e ao mesmo tempo o amor sem limite de Cristo por nós.
65. Ele em todo momento foi “todo para o Pai”, imagem sua e todo voltado para ele, em diálogo contínuo com ele, empenhado em fazer sempre e em toda parte a sua vontade, a testemunhar o seu amor de Filho. Ao mesmo tempo foi “o homem totalmente para os outros”, empenhado a lutar contra toda espécie de mal: o sofrimento, a morte, a enfermidade, o pecado em todas as suas formas.

66. O Concílio Vaticano II disse que “quem quer que siga o Cristo, o homem perfeito, torna-se ele também mais homem”.⁴¹ Ele é o mestre, o irmão, o amigo, o modelo insuperável para amar, admirar e seguir, para realizar-nos plenamente em nossa humanidade.

Jesus Cristo, nosso modelo

67. “Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1 Cor 11,1) é a regra seguida por São Paulo e proposta aos cristãos de Corinto. Sugeriu-a também aos filipenses, aos quais escreveu: “Irmãos, sede meus imitadores, e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós. Pois, há muitos dos quais muitas vezes eu vos disse e agora repito chorando que são inimigos da cruz de Cristo: seu fim é a destruição, seu Deus é o ventre, sua glória está no que é vergonhoso; e seus pensamentos no que está sobre a terra. Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente, como Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transfigurará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela força que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas” (Fl 3,17-21).
68. Dentre as virtudes que o Senhor praticou - e que também São Paulo as praticou -, e depois dele um número incalculável de cristãos ao longo dos séculos, se encontram a pobreza, a doçura, o amor, a luta contra a corrupção, como também a solidariedade, a justiça, o perdão, a paciência, a suportação da cruz, o esforço para instaurar a paz. Todo cristão é chamado a praticar essas mesmas virtudes, cuja síntese é contida nas palavras de Cristo: “Se alguém quer vir atrás de mim, renegue a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mt 16, 24).

A pobreza de Jesus

69. Jesus nasceu em uma mísera estrebaria, como os mais pobres (cf. Lc 2, 7). Viveu a sua vida pública sem uma casa para morar, conforme ele mesmo afirma: “As raposas têm suas covas e os pássaros do céu os seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar sua cabeça” (Mt 8,20). Viveu do fruto de suas mãos, na oficina de José, o carpinteiro. Trabalhou por trinta anos como carpinteiro, cumprindo assim o mandamento de Deus dirigido ao primeiro homem: “com o suor de teu trabalho ganharás o teu pão” (Gn 3,19). A sua vida foi um

⁴¹ GS, n. 41.

constante caminhar, pregando a boa nova, falando de coisas da terra e do céu e, sobretudo, do Reino de Deus. Com os seus discípulos, experimentou a fome e para nutrir-se colheu espigas de grão de trigo no dia de sábado (cf. Mt 12,1). Experimentou a sede e pediu de beber à Samaritana, à qual deu-lhe em troca a água da vida eterna (cf. Jo 2,10). Conheceu a condição de servo e não de mestre, dizendo: “O Filho do homem... não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,28). Entre os discípulos assumiu a condição de servo (Lc 22,27) e lhes ensinou a prática da pobreza, dizendo: “Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dai. Não leveis ouro, nem prata, nem cobre nos vossos cintos, nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado: o operário é digno do seu sustento” (Mt 10, 8-10). Morreu pobre e tudo o que deixou, saindo deste mundo, foi uma túnica que os soldados sortearam” (cf. Jo, 19,24).

A humildade de Jesus

70. Jesus se humilhou renunciando a glória que lhe vinha do Pai celeste e se revestiu da condição humana, também esta de escravo (Fl 2,7) como afirma São Paulo. Lavou os pés dos seus discípulos (cf. Jo 13,12-20) com a intenção de lhes ensinar uma lição de humildade. Assim fazendo, dizia: “Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Eu vos dei o exemplo, para que como eu fiz façais também vós”. E acrescentou: “Um servo não é maior do que o seu patrão, nem um apóstolo é maior do que quem o enviou. Sabendo estas coisas sereis felizes se as praticais”. Em outra circunstância, recomendou: “Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles. Se o fizerdes, não receberéis a recompensa do vosso Pai que está nos céus” (Mt 6, 1). Alertou-os contra a procura dos elogios, como aqueles que perdem de vista a verdadeira recompensa que os espera no dia do juízo, quando todas as coisas escondidas serão colocadas às claras (cf. Mt, 10,26). Rejeitou a oração do fariseu, cheia de autossuficiência, e aceitou aquela do publicano contrito que pedia perdão por seus pecados (cf. Lc 19, 9-14). Enfim, afirmou: “Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado” (Mt 23,12). Àqueles que jejuavam assumindo um rosto triste, quase para mostrar as suas ações a Deus, disse que desta maneira perdiam a sua recompensa junto ao Pai, que vê no segredo do coração (cf. Mt 6, 16-18). Àqueles que escolhiam os primeiros lugares, repreendeu o seu orgulho, alertando-os contra o amargo retrocesso que os aguardava (Lc 14, 7-11). No último dia,

os postos se inverterão e os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros (cf. Mt, 19,30).

A doçura de Jesus

71. Jesus se ofereceu como exemplo de duas atitudes: a doçura e a humildade. Ele disse: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis repouso para as vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11, 28-30). Foi homem de paz e de perdão, conforme a profecia de Isaías; um homem que “não clamará, não levantará, não fará ouvir a voz nas ruas, não quebrará a cana rachada, não apagará a mexa bruxuleante” (Is 42,1-4). Foi um companheiro cheio de compaixão para com a fraqueza humana e, por isso, nunca carregava os seus discípulos com um peso mais grave do que pudessem suportar. “Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas não podeis agora suportar”, disse-lhes (Jo 16,12). Para não comprometer a sua alegria devido a sua presença, exonerou os seus discípulos da obrigação do jejum (cf. Mc 2, 18 20). Permitiu-lhes colher as espigas no dia de sábado para que pudessem satisfazer a sua fome (cf. Mt 12,1-6). Preferiu a misericórdia ao sacrifício (cf Mt 12,7). Repreendeu aos fariseus pela dureza dos seus corações e o costume de carregar os homens de peso, que eles mesmos, nem com um dedo, se dispunham a movê-los” (cf MT 23, 2-4). Pediu aos discípulos que não impedissem que as crianças se aproximassem dele (Mt 19, 13-15). Repreendeu Tiago e João quando na Samaria queriam fazer descer fogo sobre a terra (Lc 9,51-54). Acolheu Judas que acompanhava aqueles que vinham capturá-lo (cf.Mt 26,50). Questionou Pedro que havia desembainhado a espada, na tentativa de defendê-lo (Mt 26, 51-54). Convidou os seus discípulos a praticar a virtude da doçura, dizendo-lhes: sejais prudentes como as serpentes e simples como as pombas (Cf. Mt 5,4). Declarou felizes os mansos e prometeu-lhes como herança a terra” (cf. Mt 14,14).

O amor de Jesus

72. O coração de Jesus era tão cheio de amor que chegou a sacrificar a sua vida por aqueles que ele amava. São suas as palavras: “Ninguém tem amor maior do que este: dar a vida pelos próprios amigos (Jo 15,13). Ofereceu a sua vida na cruz entre sofrimentos indizíveis, por amor de

todos os homens. O seu amor era piedade, compaixão, sentimento de compreensão pelos pobres. Teve piedade da multidão que o escutava há três dias e, temendo que fossem desfalecer de fome, multiplicou os pães (Mt 15,32-39). Teve compaixão de uma viúva que havia perdido o seu único filho e lho restituiu vivo (Lc 7,11-17). Jesus se comoveu profundamente, se perturbou, vendo soluçar Maria, a irmã de Lázaro, e chorou antes de ressuscitar aquele que amava (cf. Jo 11,33). Chorou sobre Jerusalém (Lc 19,41). Perdoou, por compaixão, os seus inimigos e aqueles que o crucificavam (Lc 23, 34). Recebeu todo tipo de pessoa e em particular as crianças, os pobres, os infelizes, os enfermos e todos aqueles que sofriam (cf. Mt 14,14). Para afastá-los de seus caminhos distorcidos, comeu com os pecadores e os publicanos, desafiando as críticas dos mestres da lei e dos fariseus (cf. Mc 2,15). Do amor fez o sinal distintivo dos seus discípulos: “como eu vos amei, amai-vos uns aos outros”, afirmando que se tratava de um novo mandamento (Jo 13,34). De fato, era mesmo um mandamento novo. Quem pode amar como Cristo amou, se Cristo não vive em seu coração? Se não fosse assim, Jesus não teria dito: “como eu vos amei”.

Guerra à corrupção

73. Mas o amor não se limita a não fazer mal a ninguém. É muito mais do que isso. É perdoar, reconciliar-se, encerrar os processos, virar a página do passado, iniciar um novo caminho para edificar uma sociedade justa onde reinam a igualdade e a paz. É a civilização do amor (cf. Mt 5, 21-16). Amor não é dar o mesmo troco, a inimizade aos inimigos e amizade aos amigos. Este é o modo de fazer da maior parte dos pecadores, dos publicanos e de muitos daqueles que vivem segundo os valores do espírito deste mundo, em contradição com o espírito evangélico. Jesus quer elevar-nos ao seu nível, ou seja, ao nível de Deus, se não não teria dito: “Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celestial” (Mt 5,48). Amor significa renunciar à avidez deste mundo e aos interesses egoístas; amar significa partilhar o próprio pão e as próprias vestes, percorrer duas milhas em lugar de uma por amor à paz (Mt 5,41-43), afastar a arrogância e chegar a partilhar a refeição dos humildes, e também a convidá-los à própria mesa (cf. Lc 14,12). Amor significa abandono de toda hipocrisia, de todo falso julgamento que faz ver o cisco no olho do irmão, mas não a trave no nosso próprio olho (Lc 6,41). Amor significa amar os inimigos, fazer o bem àqueles que nos odeiam, bendizer àqueles que nos maldizem, chorar por aqueles que nos perseguem (Mt 5,20-47); significa desejar aos outros o que quereríamos para nós mesmos (Mt 17,12). O juízo final se baseará sobre o amor (Mt 25, 27. 31-46). Enfim, o amor encerra

todos os outros mandamentos (Mt 20,40; Gl 5,14). São Paulo o define como vínculo da perfeição (Cl 3,14) e o seu hino ao amor se insere entre o que de mais profundo já tenha sido escrito.

74. Jesus declarou guerra à corrupção. Demonstra-o a sua vida: não pode haver nada em comum entre o mundo e o seu espírito, entre a verdade e o erro, o direito e a injustiça, as trevas e a luz, a virtude e o pecado. Ele veio do alto, enquanto aqueles a quem combatia vinham de cá de baixo. Eles eram do mundo, mas Ele não era deste mundo (Jo 8,23), eles eram da terra, Ele era do céu (Jo 3, 30-31). Ele veio derrubar os pilastres do reino de Satanás, para lutar contra o pecado, dissipar as trevas da ignorância, desmascarar toda mentira. Veio também para pregar a piedade para com Deus, difundir a justiça, proclamar o direito, combater o mal, condenar o orgulho, alertar contra a avareza e os danos da cobiça (Lc 12,15), descobrir a feiura da impureza em contraste com a beleza da pureza, ambas interiores; não o que entra pela boca torna o homem impuro, mas o que sai da sua boca o torna impuro (Mt 15,11). Rebelou-se contra os hipócritas, cujas intenções escondidas contradiziam o aspecto ostentado, como aqueles homens que queriam apedrejar a mulher adúltera, enquanto os seus corações estavam atolados no vício (cf. Jo 8,3). Reverberou a sua cólera sobre os mercadores do templo que sujavam sua santidade, transformando a casa de Deus em covil de bandidos (Jo 2,13-17). Neste longo combate, as suas únicas armas foram a sua união com Deus em uma oração incessante, as obras que ninguém havia jamais realizado e o que havia aceitado voluntariamente como a sua parte de jejum, de austeridade, de dores e sofrimentos, culminados com a crucificação, mas depois seguidos pela glória da ressurreição; penhor da ressurreição daqueles que creem nele, que caminham à luz dos seus mandamentos, que renunciam a si mesmos e caminham atrás dele carregando a cruz sobre os ombros (Mc 16,24), mas com o coração cheio de esperança.

A divindade de Jesus

75. Muitos, mesmo não crentes, admiram Jesus. Consideram-no um grande mestre da humanidade, um dos maiores e mais sábios homens da história. Mas isto não basta para a fé cristã. Pode-se falar de “autêntica fé cristã” quando se reconhece que Jesus é “o Senhor”, “o Filho de Deus”.

76. O termo “Senhor” foi usado desde os inícios em relação a Jesus porque era usado pelos hebreus de língua grega para indicar o próprio Deus.⁴² Os primeiros cristãos proclamaram sua fé em Jesus, Senhor e Filho de Deus; nos atestam isso as Cartas de São Paulo, que são os escritos mais antigos do Novo Testamento. Nelas encontramos antiquíssimas profissões de fé e hinos em uso na liturgia das primeiras comunidades cristãs. Iluminados pelo testemunho dos apóstolos, testemunhas da ressurreição de Jesus, os cristãos assumiram para com Jesus a mesma atitude que os crentes hebreus tinham para com Deus. Convidam a converter-se ao seu amor, o invocam como Deus e creem nele como creem em Deus (cf. 1 Cor. 8,6; 2 Cor 8, 9; Gl 4,4; Rm 3, 3-32; Fl 2,6; At 2, 21; 9, 3-6; 11,1; etc).
77. Como nasceu esta fé? Certamente não em ambiente judaico. Para um hebreu era absolutamente impensável que um homem pudesse se dizer e ser Deus. Há uma única explicação possível. Esta fé nasceu de uma progressiva e prudente revelação da parte de Jesus. Sobre suas palavras lançou, depois, uma luz resolutive a realidade da ressurreição. Este fato inaudito, unido à descida do Espírito Santo, levou os apóstolos e os discípulos a compreenderem os ensinamentos e os gestos clamorosos, através dos quais, Jesus, ao longo da vida pública, havia revelado a sua natureza divina.

A revelação da natureza divina de Jesus

78. Quais são as palavras e as atitudes através das quais Jesus revelou a sua autoridade e, portanto, a sua natureza divina? Examinemos rapidamente as mais importantes. Com relação à lei: Jesus reivindica o direito de modificar o que o próprio Deus havia estabelecido através das normas da lei dada a Moisés, colocando-se acima dela. Assim, por exemplo, ele se coloca no discurso da montanha: “Ouvistes o que foi dito... mas eu vos digo (cf. Mt 5, 20- 22)” À diferença dos rabinos do seu tempo, ele fala com autoridade (cf. Mc 1,12), com a própria autoridade de Deus.
79. Com relação ao sábado, que havia uma sua grandíssima importância na lei mosaica, Jesus se atribui poderes sobre o sábado, ao ponto de proclamar-se Senhor também do sábado (cf. Mc 2,29).
80. Com relação ao templo, lugar privilegiado da morada de Deus, Ele expulsa os vendilhões do templo e se comporta como aquele que

⁴² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 446-455.

defende a “casa do Pai” (cf. Mc 11, 15-19) contra a profanação dos mercadores desonestos. Declara ser maior que o templo (cf. Jo 15,17), e de ser ele mesmo o templo vivente no qual Deus tomou morada.

81. Para com os pecadores reivindica o direito de perdoar pessoalmente os pecados, atribuindo-se, portanto, um poder divino (cf. Mc 2, 5-7).
82. Nas relações com a natureza e com os homens ele age com poder soberano, fazendo milagres e sinais estrepitosos. Ordena aos ventos e ao mar, transforma água em vinho, cura todo tipo de doenças, dando a entender que Deus age nele como Salvador e Senhor. Liberta os possessos pelos demônios. Ressuscita o filho da viúva de Naím, a filha de Jairo e o amigo Lázaro, demonstrando ser o senhor da vida e da morte. Os milagres são estreitamente ligados com a mensagem de Jesus e são o sinal poderoso da vinda do “Reino de Deus”, isto é, de uma nova presença de Deus na história através de sua humanidade.
83. Jesus fala e atua com suprema autoridade, chegando a se designar a si mesmo com aquele que é, mesma expressão com a qual Deus no Êxodo havia revelado o seu nome: “Eu Sou” (Ex 3,14). Quando elevardes o Filho do homem, então saberei que “Eu Sou” (Jo 8,28; cf. Jo 11,25; 13. 19; 14. 6; 15.1). Os seus inimigos haviam entendido muito bem que ele reivindicava uma autoridade divina, e lhe lançaram no rosto: “Não queremos te apedrejar por causa de uma obra boa, mas por causa da blasfêmia. Tu, sendo apenas um homem, pretendes ser Deus!” (Jo 10, 33).
84. Além disso, Jesus afirmou claramente ter uma relação única e incomparável com o Pai, de ser “um com Ele”. O evangelista João, o discípulo que Jesus amava mais do que qualquer outro e que participou de modo privilegiado de sua intimidade, pousando até a cabeça sobre o seu peito na última ceia (Jo 13,33), não-lo testemunha com grande clareza. “Eu e o Pai somos uma só coisa” (Jo 10.30), dizia Jesus aos Apóstolos. A Filipe, que lhe pedia mostrar-lhe o Pai, Jesus respondeu: há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai que permanece em mim realiza as suas obras. Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim; crede-o, ao menos, por causa destas obras (Jo 14, 9-11).
85. Como possui o conhecimento do Pai, assim Jesus possui a sua vida e pode doá-la. Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo (Jo 5,26).

86. E no evangelho de Mateus lemos esta impressionante afirmação de Jesus: “Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11,27)”. Ele chama a Deus com o nome de Pai (Abbá, que significa “papai”): um modo único, inaudito de exprimir-se, que revela a sua irrepetível e única intimidade com ele.
87. Jesus pede aos homens um amor total e exclusivo; se ele não fosse Deus, esse amor seria inalcançável, mesmo que ele fosse o maior e o mais poderoso homem da terra: “Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim, não é digno de mim...quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la” (Mt 10, 37-39).
88. Ele declara ser a luz do mundo (Jo 8,12). Afirma ser: “O Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14,6). Diante de Caifás, que lhe pergunta se ele era o Messias, o Filho de Deus bendito, Jesus se proclama solenemente enquanto tal. E é proclamado por blasfêmia (cf. Mt 26,, 59-66).
89. Jesus, portanto, de forma progressiva e discreta revelou a sua dignidade de Filho de Deus, de juiz dos vivos e dos mortos. E, por isso, foi condenado à morte pelo sinédrio como blasfemo.
90. Diante de suas afirmações “não havia senão duas atitudes possíveis, isto é condená-lo como blasfemo ou adorá-lo como Filho de Deus. Nenhuma neutralidade era possível”.⁴³

Jesus e o anúncio do Reino

91. À mesma conclusão se chega examinando também a mensagem de Jesus que se compendia no “anúncio do reino de Deus”. Jesus, com efeito, começa a sua pregação com estas palavras: “O tempo está realizado e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). É um anúncio jubiloso e ao mesmo tempo urgente: não há tempo para perder. É preciso converter-se, mudar radicalmente o modo de pensar e de viver.
92. A vinda do “Reino do Deus” é o coração da sua mensagem, o tema dominante da sua pregação. E exatamente esta “boa notícia” sobre o Reino lança nova luz sobre a sua identidade porque “em Cristo há

43 J. Danielou. *Op. cit.*, p. 56. Cf. também Bruno FORTE. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da História. Ensaio de uma cristologia como história*. 1985.

identidade entre mensagem e mensageiro, entre o dizer, o agir e o ser. A sua força. O segredo da eficácia da sua ação está na total identificação com a mensagem que anuncia: ele proclama a “boa nova” não apenas com aquilo que diz, mas também com aquilo que é”.⁴⁴

O que é o Reino de Deus?

93. O que é, portanto, o Reino de Deus? É um dom gratuito e incomparável do Pai (cf. Lc 12, 32). É uma pérola preciosa (cf. Mt 13,46), um tesouro escondido no campo (cf Mt 13,44) pelo qual vale a pena vender tudo e arriscar tudo. É uma realidade poderosa, aparentemente insignificante, que se desenvolve vigorosamente como o grão de mostarda que se torna uma árvore (cf. Mt 13,31) e transforma tudo como uma medida de fermento, que fermenta uma grande quantidade de farinha (cf. Mt. 13,35). Uma semente viva que rende até cem por um, se cai em bom terreno. É, em síntese, uma nova ordem de relações que vem a criar-se por meio de Cristo entre os homens e Deus.
94. Ao Jesus pregar a boa nova do Reino de Deus, os seus contemporâneos judeus não o compreenderam suficientemente. Tinham a visão do reinado onde o rei é triunfante e nacionalista, que assegurasse apenas a paz e a justiça para Israel. Aqui reside o núcleo do drama de Jesus, pois, o Reino que Jesus anuncia não é aquele que os judeus imaginavam e aguardavam com expectativa. Os zelotas achavam que o Reino podia ser alcançado pela força das armas e os fariseus consideravam que a sua prática piedosa era o suficiente e lhes dava o direito para participar do Reino. Entretanto, o Reino que Jesus anuncia vai além dos limites de uma nação e do tempo. Ele está no coração da história humana, mas apenas como uma pequena semente que haverá de crescer para além de seus limites; por isso, o Reino não se mede com a medida dos conceitos humanos e produz frutos por si mesmo, na profunda gratuidade de Deus. Mas para alcançar o Reino é preciso de conversão, de ir além do cumprimento dos Dez Mandamentos (Mc 10, 17ss), é preciso de uma entrega total e do discipulado.⁴⁵
95. A chegada do Reino não é anunciada por Jesus apenas com palavras, mas com atos. “Os atos de Jesus são, fundamentalmente, sinais da

44 RM, n. 13.

45 Johan KONINGS. *Jesus nos Evangelhos Sinóticos*, p. 22-31 e p. 64-71. São capítulos da obra que apresentam um estudo sobre as parábolas do Reino. Também, Moacir CASAGRANDE. *O Segredo do Evangelho*, 2005; Carlos MESTERS. *Deus, onde estás?* 1987, capítulo 11ss

vinda do Reino como ele mesmo o afirma na resposta aos emissários de João Batista: ‘Os cegos veem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados’ (Mt 11, 15). Esta resposta, tirada de Isaías, esclarece o sentido que para Jesus possui a chegada do Reino. Formalmente, a resposta pressupõe que o Reino é uma transformação de uma situação má, de uma situação de opressão e que a ação de Deus só pode ser concebida como superação de uma situação negativa”.⁴⁶

Construir o Reino, rumo ao Reino definitivo

96. Portanto, três aspectos, dentre outros, sobressaem-se no anúncio do Reino: o primeiro é a dimensão do Reino além do tempo e da história, que alcançaremos por absoluta graça e misericórdia do Pai; o segundo aspecto é o Reino a ser edificado na terra, em nosso tempo e no lugar onde habitamos. Como “cidadãos do infinito”, buscamos tornar a terra mais parecida e mais próxima do céu, construindo a paz, a fraternidade, a justiça e a partilha do pão; enfim, o terceiro aspecto enfatizado é que sempre haverá uma tensão entre a construção histórica do Reino e o Reino definitivo que há de vir.
97. Em outras palavras, Jesus nos ensina, pelas parábolas do Reino, que há pequenos e importantes sinais do Reino que já estão germinando e crescendo na história. Essas sementes do Reino em germinação precisam ser cuidadas pelo nosso trabalho e pelo compromisso pessoal, comunitário e social. Entretanto, nossa confiança na capacidade e na história humana não pode ser absoluta, nem podemos apostar todas as fichas da vida num projeto exclusivo de comunidade e de sociedade, porque tudo aquilo que a humanidade conseguir realizar ainda estará muito longe da sede da alma, que é o Reino definitivo.

Nem espiritualismo, nem mundanismo

98. Há dois riscos a serem evitados na reflexão sobre o Reino: o primeiro seria aquele de cristãos que ficam apenas aguardando de braços cruzados, pela chegada do Reino definitivo. Essa passividade inoperante sempre foi rechaçada por Jesus e insistentemente admoestada pelo ensinamento da Igreja, expresso nas comunidades

⁴⁶ Jon SOBRINO. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 68.

primeiras, nos escritos dos Santos Padres e Doutores da Igreja, na vida e no testemunho dos santos, na Doutrina Social. O segundo risco é achar que o Reino pode ser construído apenas com o empenho humano, neste mundo. Isto, às vezes, leva alguns cristãos a reduzirem a Igreja a uma ONG que existiria apenas para a assistência e para a transformação social. A consequência dessa visão reducionista do Reino suscita o fim da esperança, pois, como a vida foi uma aposta exclusiva pela melhoria do mundo, quando as sociedades regridem ou pioram, frustram-se as esperanças e fecha-se o horizonte das possibilidades de sentido da vida. Portanto, na construção e na busca do Reino, nem espiritualismo, nem mundanismo. Como nos orienta o objetivo geral da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, é preciso, na evangélica opção preferencial pelos pobres, a partir de Jesus Cristo, colaborar na construção de uma sociedade justa e solidária, rumo ao Reino definitivo.

Irmãos na terra, irmãos no céu

99. Por meio de Jesus, o próprio Deus faz irrupção na história humana, penetra no coração de quem crê em Cristo e lhe revela o seu rosto autêntico que é o rosto do amor infinito. Não só. O Pai, ainda, a quem acredita no seu Filho, doa o Espírito Santo, que transforma o coração, abrindo-o ao amor filial e “reinando”, portanto, plenamente nos seus pensamentos, nos seus afetos, no seu trabalho, em cada momento da sua existência.
100. A comunhão de vida com o Pai, mediante Jesus e com a força do Espírito, o torna capaz de realizar plena e livremente a sua fundamental vocação humana, que é aquela de amar: amar a Deus como Pai, amar retamente a si mesmo como Filho de Deus, amar aos homens como irmãos e membros de um mesmo corpo, amar a natureza e as coisas criadas como dom de Deus.
101. O Reino de Deus é, portanto, para nós, pobres seres de carne e sangue, uma aventura maravilhosa: “Ser aprofundados ainda vivos no abismo da vida trinitária, ver o Filho de Deus assumir um rosto de homem e ser chamado homem, tornar-se filhos de Deus. Trata-se de algo absolutamente insólito, e é normal que pessoas incrédulas tenham dificuldade de admiti-lo. É surpreendente, ao contrário, que nós não nos surpreendamos mais e que isto não transforme a nossa vida mais radicalmente”.⁴⁷

47 J. Danielou. *Op. cit.*, p. 66-67.

Acolher Jesus, o Reino e a Igreja

- 102.** A acolhida deste dom incomparável se cumpre através da conversão do coração, isto é mediante a fé que é a decisão de acolher Cristo como Salvador, como Filho de Deus, como único caminho para conhecer a vontade do Pai e chegar a vê-lo face a face, para estar para sempre com ele. É a escolha de colocá-lo ao centro do próprio coração e de segui-lo ao longo da estrada que ele por primeiro percorreu, a estrada das bem-aventuranças, aceitando a guia daqueles que ele mesmo constituiu “apóstolos” e pastores da sua Igreja. “O reino de Deus, com efeito, não pode ser separado nem de Cristo nem da Igreja”,⁴⁸ que do Reino de Deus é o germe, sinal e instrumento, sem nunca esquecer que a Igreja não é fim em si mesma, mas “toda de Cristo, em Cristo e por Cristo, e toda dos homens, entre os homens e para os homens”.⁴⁹
- 103.** O Reino de Deus é, pois, uma realidade de salvação e de vida que se atua na pessoa de Cristo. Ele é, com efeito, ao mesmo tempo o anunciador e o portador da salvação, da verdade e da vida nova. É por meio dele que se realiza o desígnio de Deus, isto é, sua soberania no coração humano: uma soberania de amor, que inicia nesta vida e se cumpre perfeitamente na vida futura. Jesus dá a entender claramente que na sua pessoa o reino de Deus já está presente e opera na história humana: “Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o reino de Deus já chegou a vós” (Lc 11,20).
- 104.** Crer, significa, então, estabelecer uma relação pessoal de vida e de amor com Cristo e, por meio do seu Espírito, com o Pai e com os homens: com o Pai abandonando-se a ele, buscando a sua vontade, esperando nele, dialogando com ele na oração; com os homens, realizando o mandamento supremo do amor e considerando a vida não como uma posse, mas como um dom, não como um poder, mas como um serviço, uma vocação, uma missão.

Jesus Cristo, modelo dos jovens

- 105.** Jesus Cristo - morto no vigor dos anos, ainda não tendo superado os trinta e três anos -, amava intensamente os jovens. Amou nos jovens a sua inocência, a retidão das suas intenções, o desejo de construir a justiça na sociedade; reconheceu as legítimas aspirações dos seus corações e os seus ideais de fraternidade, solidariedade, amor,

⁴⁸ RM, n. 18.

⁴⁹ Paulo VI. Discurso de abertura da terceira sessão do Concílio Vaticano II, 14/09/1964.

transparência e paz, que poderiam realizar-se. Para convencer-nos disso, basta ver como acolheu aquele jovem que veio perguntar a ele o que deveria fazer para alcançar a vida eterna. Infelizmente, aquele jovem que procurou a Jesus foi embora triste porque tinha muitas riquezas que o impediam de desapegar-se plenamente para seguir Jesus. Com efeito, Jesus lhe havia dito que a perfeição, para aqueles que observam os mandamentos, consiste em distribuir todos os seus bens aos pobres (Mt 19, 16-22). O apego excessivo ao ter havia se tornado para aquele jovem o seu próprio projeto de vida. Por isso, ele entristeceu-se! Já não era mais senhor de seus bens e de suas escolhas, mas escravo de sua riqueza. Jesus lhe propôs o caminho da solidariedade aos pobres como possibilidade de libertação pessoal e de autorrealização. Mas, infelizmente, talvez, esse jovem concluiu para si mesmo que já não podia mais trilhar um caminho de autossuperação, rumo à felicidade.

O sonho de consumo

- 106.** Talvez, essa passagem bíblica possa nos soar aos ouvidos como bastante exigente para um jovem. Entretanto, o apego aos bens e o sonho de consumo persiste ao longo das gerações e vigora com força ainda hoje, levando a perder as energias da vida em falsas expectativas. Vejamos a constatação atual de uma pesquisadora sobre isso: “Durante anos pesquisei a realidade de adolescentes em conflito com a lei no Brasil. Como pesquisadora da área de comunicação, apliquei o método de recepção, realizando pesquisa de campo em uma unidade para apreensão de adolescentes. Chama a atenção, a relação entre as transgressões cometidas por tais jovens e o uso de bens de consumo, como elementos simbólicos de reconhecimento social, tais como carros, roupas de marca, bebidas e aparelhos eletrônicos. Para esses jovens, a obtenção, mesmo que momentânea, de alguns bens de consumo possibilita a visibilidade e a aceitação social. [...] Consumo tantas vezes estimulado sem nenhuma reflexão, em uma sociedade capitalista em que os bens muitas vezes suplantam o ser”.⁵⁰

Os jovens são a esperança da Igreja

- 107.** A Igreja reserva uma grande atenção aos jovens; eles são a sua esperança, como diz tão belamente o documento conciliar sobre a

⁵⁰ Cf. Núbia da Cunha SIMÃO. *Morte sob a tutela do Estado*. *Jornal O Popular*, 02/06/2018, p. 3.

educação cristã, recordando aos pastores sobre “o gravíssimo dever de prover para que todos os fiéis recebam a educação cristã, especialmente os jovens, que são a esperança da Igreja”.⁵¹ O Concílio vê nos jovens a força da sociedade, e afirma que os jovens exercem na sociedade de hoje um influxo da maior importância. “As circunstâncias de suas vidas, a mentalidade e as próprias relações com a família foram amplamente mudadas. Passam com frequência muito rapidamente a uma nova condição social e econômica. Enquanto cresce sempre mais a sua importância social e também política, por outro, parecem incapazes de assumir convenientemente as novas tarefas.”⁵² O Concílio acrescenta: “Este acréscimo de influência na sociedade exige deles uma atividade apostólica correspondente. Aliás, a sua própria índole natural os dispõe para ela. Com o amadurecimento da consciência da própria personalidade, estimulados pelo ardor da vida e pela atividade transbordante, assumem a própria responsabilidade e desejam tomar a parte ativa que lhes compete na vida social e cultural. Se este zelo é penetrado pelo espírito de Cristo e animado pela obediência e pelo amor para com os pastores da Igreja, podemos esperar dele frutos muito abundantes. Eles mesmos devem ser os primeiros e imediatos apóstolos da juventude e exercer por si mesmos o apostolado entre eles, tendo em conta o meio social em que vivem”.⁵³

Reconhecer o rosto de Jesus

108. Os jovens têm uma vocação para realizar na vida política nacional: são pedra angular do edifício nacional, que se fundamenta no trabalho de suas mãos e que prospera graças às suas iniciativas. Para poder cumprir as próprias tarefas, o jovem cristão pode e deve tomar Jesus como modelo. Em sua carta aos jovens, por ocasião da XII Jornada Mundial da Juventude, São João Paulo II afirma que Cristo “habita ao vosso lado, nos irmãos com os quais conviver a existência cotidiana”. E acrescenta: “O seu rosto [o rosto de Jesus] é aquele dos mais pobres, dos marginalizados, das vítimas não raramente de um injusto modelo de desenvolvimento, que põe o lucro em primeiro lugar e faz do homem um meio e não um fim. A casa de Jesus é em todo lugar onde o homem sofre por seus direitos negados, as suas esperanças traídas, suas angústias ignoradas. Lá, em meio aos homens, é a casa de Cristo, que vos pede para enxugar, em seu nome, toda lágrima e para recordar a quem se sente só que

51 GE, n. 2.

52 AA, n. 12.

53 AA, n. 8.

ninguém nunca está só se coloca nele a própria esperança”.⁵⁴

Liberdade e responsabilidade

109. Muitos males oprimem a juventude de hoje e os jovens do Brasil não estão imunes a esses problemas. Certo jornal publicou uma pesquisa realizada nos ambientes universitários: mostrou que entre as nossas gerações emergentes há pessoas prisioneiras da dependência química, do álcool e do sexo. Parece, inclusive, que o mundo cristão esteja em primeiro lugar na escala dessa vulnerabilidade. É o sinal que perderam o sentido do pecado, porque perderam o sentido de Deus. Este é o mais grave de todos os males. Assim constatou São João Paulo II: “Realmente não se pode negar que, em muitos cristãos, a vida espiritual atravessa um momento de incerteza que repercute não só na vida moral, mas também na oração e na própria retidão teológica da fé”. E acrescenta: “E quanto ao testemunho da Igreja no nosso tempo, como não sentir pesar pela falta de discernimento, quando não se torna mesmo condescendência, de não poucos cristãos perante a violação de direitos humanos fundamentais por regimes totalitários?” E prossegue: “não será porventura de lamentar, entre as sombras do presente, a corresponsabilidade de tantos cristãos em formas graves de injustiça e marginalização social?” E assim, o Papa convidava os cristãos no limiar do terceiro a interrogarem-se sobre as responsabilidades que também eles têm com relação aos males do nosso tempo”.⁵⁵

Conversão e reconciliação social

110. Essa corresponsabilidade diante das injustiças exige o arrependimento e a conversão sincera. O arrependimento é a reconciliação com Deus, consigo mesmo e com os outros. E se verdade que a reparação de um erro é virtude, é também verdade que a conversão é o primeiro passo no caminho da salvação. A conversão não é um ato isolado, mas um processo que acompanha o fiel durante a sua vida. A conversão não se limita às pessoas, mas diz respeito à sociedade, às instituições e aos organismos sociais criados e geridos por pessoas livres e responsáveis.

⁵⁴ OR, 17-18/08/1996.

⁵⁵ TMA, n. 36.

Renovação espiritual e vida ética

- 111.** Para que a mudança seja de fato possível, é necessária a renovação espiritual a fim de mudar os corações. Mas nenhuma autêntica mudança espiritual é possível sem um retorno à vida de oração, à graça, à prática dos sacramentos, à participação na liturgia, ao testemunho sincero dos valores morais e humanos encarnados em uma conduta reta, em uma vida virtuosa, no sacrifício do interesse pessoal sobre o altar do bem comum, na ação política estranha a qualquer transação duvidosa, a toda comissão vergonhosa, a todo abuso, a todo compromisso de consequências perniciosas. O amor à pátria é indivisível e exige daqueles que o professam lealdade total, sinceridade absoluta, transparência, tomadas de posição claríssimas, e coragem para dizer a verdade, sem ódio ou animosidade, àqueles que o traem, o desfiguram, ofuscando a luminosidade na construção dos consensos.

Jovem, um chamado à liderança

- 112.** Quem, senão os jovens e o seu compromisso com o futuro, pode assumir uma tão grande responsabilidade social? Quem, senão os jovens que sabem unir a fé viva em Deus ao saber e à competência e cuja conduta virtuosa se distingue pela lealdade à pátria, a consciência da história, das suas tradições e dos valores que querem salvaguardar, graças aos esforços de todos os homens e mulheres de boa vontade, qualquer que seja a confissão religiosa a que pertençam?

Jovem, um chamado à autenticidade

- 113.** Aos jovens e às jovens compete também constituir famílias saudáveis que fazem da alegria o seu tesouro e cujos membros sabem ajudar-se sinceramente e reciprocamente e que, unidos uns aos outros por um amor verdadeiro, vivem sob a insígnia da paz. Mas, como podem alegrar-se desta vida familiar aqueles cuja obsessão nesta vida é ganhar tanto mais dinheiro possível, para chegar ao poder político até por caminhos atravessados, impelidos por um egoísmo desenfreado, encontrando a sua alegria na defesa dos prazeres e recorrendo à violência para superar os obstáculos que se erguem em seu caminho?

Uma romaria que leva ao compromisso social

- 114.** A romaria do Pai Eterno é uma ocasião para retornar a Deus e reentrar reflexivamente em si próprio, pensando na missão a que é chamado – o jovem e cada um de nós –, para realizar no seu ambiente e na sociedade. Ninguém poderá realizar um trabalho útil e frutuoso se não sabe situar-se na coletividade da qual faz parte, nela interagindo e se empenhando. A pátria se soerguerá somente graças aos esforços de todos. Na sociedade, os cristãos devem ser como o fermento na massa, nela inseridos e fazendo-a crescer. “Os cristãos são para o mundo o que a alma é para o corpo”.⁵⁶ Ou, isto é o que deveriam ser! Temos consciência disso? O nosso agir se inspira a esta verdade? Nós cristãos fomos modelos no testemunhar os valores como o direito, o bem, a justiça, a igualdade, o respeito pelos direitos humanos? Com efeito, é certo que todos os homens de boa vontade que atuam para o bem comum, o progresso da sociedade, a difusão da cultura, da justiça e da paz, participam, partindo cada um da sua posição e conforme os seus meios, e à edificação da sociedade e à concretização daquilo que nela deve reinar tais como solidariedade, amor, prosperidade e paz. Ninguém desconhece as dificuldades porque passa a modernidade, que trouxe muitas coisas boas, mas também muitos males, sobretudo a dissolução dos valores. Mas nós esperamos superar esse desafio histórico com a união dos corações e das vontades, com a solidariedade e a determinação de todos. O nosso país será no futuro exatamente à imagem do que fazemos hoje e do que os nossos filhos farão. Nós, cristãos, devemos viver a nossa fé da forma como dizia o papa Paulo VI⁵⁷: “Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação”.⁵⁸

Maria, no coração de Deus

- 115.** No santuário de Trindade, nossos olhos de peregrinos e de romeiros contemplam a pequenina imagem que é representativa e que evoca

⁵⁶ Carta a Diogneto, 6.

⁵⁷ Que nesse ano de 2018 será canonizado santo e elevado à veneração nos altares.

⁵⁸ EN, n. 19.

a Santíssima Trindade. No coração de nosso Deus trinitário – o Pai, o Filho e o Espírito Santo -, está Maria. Com a sua condição humana, Maria é coroada e representa a humanidade inteira elevada ao coração de Deus. Maria é mãe e discípula unida ao Filho, submissa ao Pai e esposa do Espírito Santo.

Maria, mãe e discípula

116. Maria, depois que deu à luz o Filho o adora e se oferece a ele, como discípula e instrumento de salvação. De tal maneira, Maria se torna não apenas mãe da Igreja, nossa mãe e nosso modelo, mas também a mais perfeita filha de Deus Pai e esposa do Divino Espírito, por obra e graça de quem concebeu o Filho de Deus. Por isso é coroada de joelhos no coração da Trindade com as mãos postas.
117. Contemplando a missão de Maria na encarnação e o seu lugar entre os primeiros discípulos, é importante que na romaria à Trindade Santa compreendamos adequadamente a importância da Mãe de Deus na obra da nossa salvação.
118. Proclamando-a “Theotokos” (Mãe de Deus) a Igreja sustenta que seu filho Jesus era de fato Deus! Ou, em outras palavras, como Jesus é Deus, então, Maria é mãe de Deus. Todavia era também verdadeiro homem, nascido de mulher (Gl 4,4), necessitado de ser cuidado, nutrido e crescido como uma criança. Desde o início, sua concepção tornou complexas as relações entre Maria e José; depois, como adolescente desapareceu de casa por três dias e suscitou preocupações; em sua missão, rompeu as relações com as autoridades e foi ao encontro da pena de morte, prevista pelo Estado. Maria esteve junto de seu Filho até o fim.

Maria, peregrina na fé

119. Maria conhecia o significado de ser mãe e de peregrinar na fé. Recordando as suas palavras por ocasião da anunciação, a Igreja nô-la apresenta como uma pessoa igual a nós, necessitada de fazer perguntas ao longo do seu caminho de fé. Recordando a sua visita a Isabel e o seu conselho nas bodas de Caná da Galileia: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,5), a Igreja explica o que significa ser discípula, filha e mãe. Repetindo o Magnificat de Maria na constante oração vespertina, a Igreja nos une a ela ao proclamar as coisas maravilhosas

que Deus fez. Desse modo, a Igreja põe a devoção mariana na experiência cotidiana de todos os discípulos de Jesus. Todavia a devoção deve ser também uma experiência de solidariedade e assim nós nos devemos reunir como fizeram Maria e os primeiros discípulos: “subiram à sala superior, onde costumavam ficar. Eram Pedro e João, Tiago e André, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, o Zelota; Judas, filho de Tiago. Todos estes, unânimes, perseveraram em oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele” (Atos 1, 13-14).

Aprender com Maria

- 120.** Maria, pois, nos ensina e nos exorta a ter sempre Jesus como mestre e, uma vez evangelizados, a tornarmo-nos evangelizadores, unidos profundamente à obra de Cristo, o enviado do Pai. Peço à Virgem Maria conduzir-nos pela mão, até a próxima romaria do Pai Eterno. Ela que mais de qualquer criatura foi introduzida no mistério da Encarnação, nos ajude a redescobrir Cristo, a amá-lo, a colocá-lo no centro da nossa vida, a segui-lo com coragem e com alegria, anunciando por toda parte a sua mensagem de salvação: “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16).

Algumas palavras finais

- 121.** Queridos irmãos e irmãs, somos chamados a reavivar as raízes da nossa fé. Ela, a nossa fé, lembremo-nos sempre, é uma pessoa, a pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus e Filho de Maria. Ele está no centro da fé cristã. Se Cristo não está no centro do cristianismo, perde-se a sua dimensão trinitária: que faremos de um Cristo sem o Pai e o Espírito Santo?
- 122.** Sem Cristo no centro, perdemos o sentido do mistério da Igreja. Que coisa se tornaria a Igreja, sem Cristo que a unifica e a vivifica com o seu Espírito, senão uma das tantas instituições humanas, carregada das limitações e das culpas dos seus membros, incapazes de levar suficientemente uma mensagem de vida e de esperança aos homens e mulheres de hoje?
- 123.** Sem Cristo no centro perdemos também a nossa autêntica

dimensão humana, porque a fé nos apresenta um Jesus plenamente homem e sem Ele também a nossa experiência humana se torna uma realidade pobre e falsificada.

- 124.**Sem Cristo no centro, perdemos também o sentido profundo da história e aquela esperança no futuro que somente Ele nos pode garantir, porque nos prometeu “novos céus e nova terra” (cf. Ap 21,1). Nele podemos respirar o futuro!
- 125.**Jesus nos propõe os autênticos e perenes centros de interesse da nossa vida: nós mesmos, os outros e Deus. Sem esquecer-nos jamais que, se Cristo está no centro da nossa fé, a morte e a ressurreição estão no centro de Cristo. O mistério pascal é a fonte e o ápice da nossa história e de toda a vida cristã.
- 126.**Encerro, enfim, as últimas palavras desta Carta Pastoral com o testemunho de um sacerdote russo, Aleksandr Mien, um grande missionário da Igreja ortodoxa, assassinado em Semchoz, uma vila na periferia de Moscou, na manhã do dia 9 de setembro de 1990, quando ia para a igreja celebrar a liturgia. Ele conclui a sua obra sobre a vida de Jesus com estas palavras:
- 127.**“Qualquer pessoa que tenha encontrado Jesus Cristo sabe que o homem não é um caminheiro solitário que ninguém pode chamar no deserto escuro do cosmo, mas um Filho de Deus, que participa com ele na realização de seus desígnios eternos. ‘Aquele que é a Palavra’, tornando-se homem na terra, revelou aos homens a sua alta predestinação, consagrou e animou a natureza humana, semeando nele a semente da imortalidade. Na pessoa de Jesus de Nazaré, o Criador sagrado e inefável se aproximou de nós, e isto nos enche de alegria, de beleza, de sentido. O ‘silêncio terrível do nada’ não existe mais: em tudo está a luz de Cristo, o amor do Pai. Eis porque toda vez que o cristianismo foi considerado já morto e sepultado, ele sempre se levantou da tumba, como Cristo crucificado e ressuscitado, mostrando a todos quanto era verdadeira a promessa: ‘Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela’. Não é, com efeito, uma doutrina, nem uma teoria, mas o próprio Cristo que renova continuamente o cristianismo e o guia para a eternidade”⁵⁹

⁵⁹ Aleksandr MIEN. *Gesù, mestre di Nazareth*. Roma, 1996, p. 371-372. [No Brasil, publicado em português pela Ed. Cidade Nova].

128. Coloquemo-nos sob a proteção materna de Nossa Senhora, mãe de Jesus e mãe do nosso povo, rainha e padroeira do Brasil. Nesta romaria peçamos a Jesus Cristo, por intercessão dela, que guie os nossos passos para a honra e glória da Santíssima Trindade e para o nosso bem, e que derrame sobre nós a sua benevolência e a abundância de suas graças. Que a Mãe de Deus e nossa nos conduza com a sua mão pelo caminho da vida, até à próxima romaria.

Trindade, 1º de julho de 2018

A handwritten signature in black ink, reading 'Dom Washington Cruz'. The signature is written in a cursive, flowing style with a cross at the beginning and a flourish at the end.

Dom Washington Cruz
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

Nota explicativa

O leitor pode perceber que fiz uma quantidade expressiva de citações, porque considerei necessário fazer a fundamentação das afirmações e das ideias. Há três modos de que me servi para as citações:

- 1) As citações bíblicas são apresentadas como o usual, com a abreviação do livro, o capítulo e o versículo (por exemplo, Ap 21, 1 – Livro do Apocalipse, capítulo 21, versículo 1). Em geral, as citações bíblicas estão no corpo do texto, entre parênteses. Porém, quando foi necessário colocar muitas citações bíblicas, então, as remeti para o rodapé da página (no pé da página), a fim de facilitar a fluência na leitura.
- 2) As citações bibliográficas sempre estão colocadas em nota de rodapé, com certa liberdade para citar, indicando o nome do autor, o seu sobrenome em maiúsculo (caixa alta), o título da obra (em itálico) e o ano da publicação. E, quando há transcrição literal, também foi colocada a página de onde o texto foi transcrito.
- 3) As citações dos documentos de Igreja, estão todas abreviadas e o número que sucede a abreviação se refere sempre ao parágrafo, não à página, nem ao número da coleção (fixado pela editora). Os documentos de Igreja citados nessa Carta Pastoral, com respectiva abreviação, são os seguintes:
 - AA: Apostolicam Actuositatem: é um Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II que trata sobre o apostolado dos leigos (18 de novembro de 1965).
 - CaIC: Catecismo da Igreja Católica (11 de outubro de 1992).
 - DA: Documento de Aparecida: trata sobre as conclusões da V Conferência Geral do episcopado da América Latina e do Caribe, ocorrida de 13 a 31 de maio de 2007.
 - DV: Dei Verbum: é uma Constituição dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II, sobre a revelação divina da Palavra de Deus (18 de novembro de 1965).
 - GE: Gravissimum Educationis: é uma Declaração do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Educação cristã e sobre o grave dever de educar (28 de outubro de 1965).
 - GS: Gaudium et Spes: é uma Constituição Pastoral do Concílio

Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja no mundo contemporâneo (7 de dezembro de 1965).

- EAm: *Ecclesia in America*: é uma Exortação pós-sinodal, de São João Paulo II sobre a Igreja na América (22 de janeiro de 1999).

- EN: *Evangelii Nuntiandi*: é uma Exortação apostólica de São Paulo VI sobre o anúncio do Evangelho, ou sobre a evangelização dos povos (8 de dezembro de 1975).

- OR: *L'Osservatore Romano* é um jornal publicado na Cidade do Vaticano. Foi criado em 1º de julho de 1861. Faz a divulgação principalmente das atividades públicas do papa, com os seus respectivos pronunciamentos.

- TMA: *Tertio Millennio Adveniente*: é uma Exortação apostólica de São João Paulo II sobre a chegada do terceiro milênio (10 de novembro de 1994).